



## IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



### A INVISIBILIDADE DA LUTA DE CLASSE NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA ESTADUAL

Valdimir Pereira Reis<sup>1</sup>  
Colégio Estadual Antônio Batista

Etelvina de Queiroz Santos<sup>2</sup>  
Colégio Estadual Antônio Batista

Etevaldo da Silveira Caldas<sup>3</sup>  
Colégio Estadual Antônio Batista

Maria do Amparo Oliveira Brito<sup>4</sup>  
Colégio Estadual Antônio Batista

**Resumo:** O presente trabalho tem o objetivo analisar a luta de classe invisível nas produções literárias dos estudantes de uma escola pública, no ano de 2013. Neste estudo, tomou-se como objeto de pesquisa a luta de classe presentes nas produções literárias dos referidos alunos. Para tanto, nos orientamos nos referenciais de Souza (2016, 2017). Este autor afirma que a interpretação culturalista é conservadora e cientificamente falsa, pois foi construída para ocultar e silenciar a semente escravista da nossa cultura. O estudo identificou a existência de um elo de influências entre as vinculações das informações pelas grandes mídias e as composições estudantis. Nos trabalhos analisados, os estudantes reproduzem as ideias da classe média que desejavam interromper a ascensão das classes populares e excluí-los de espaços como aeroportos, universidades. Neste contexto constatou-se que, os estudantes, pertencentes às classes populares, se tornaram vítimas das ideias que reproduziram nos seus textos e conseqüentemente favoreceu para que a elite do dinheiro se apropriasse dos bens públicos e fomentasse a redução das políticas de inclusão social. Dessa forma, observa-se a importância deste estudo, pois compreender o contexto histórico das produções estudantis no ano de 2013 é de grande relevância uma vez que, nesse ano, os fatos acontecidos deram início às crises que o Brasil enfrenta atualmente: instabilidade política, institucional e a demolição dos direitos e garantias conquistadas pelos trabalhadores ao longo da sua história.

**Palavras-chave:** Interpretação Culturalista. Luta de Classe. Manifestação.

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção - Paraguai. Atua como professor da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino no município de Candiba – Ba, Brasil. E-mail: valdimir.asa@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGED/UESB. Atua como professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino no município de Candiba – Ba, Brasil. E-mail: vik714@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção - Paraguai. Atua como professor da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino no município de Candiba – Ba, Brasil. E-mail: etevaldocaldas@hotmail.com

<sup>4</sup> Mestre em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-graduação da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção - Paraguai. Atua como professora da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino no município de Candiba – Ba, Brasil. E-mail: bitacandiba@hotmail.com



## Introdução

O propósito deste trabalho é apresentar o resultado de uma pesquisa de mestrado que faz análise das produções do projeto Tempos de Artes Literárias - TAL, no ano de 2013, em uma escola pública do sudoeste baiano, relacionando a realidade social e política do Brasil com as manifestações ocorridas em 2013.

É importante destacar que as manifestações de junho de 2013 ficaram conhecidas como as Jornadas de junho, um evento de grande mobilização e que teve forte apoio da grande mídia nacional. Compreender o contexto histórico das produções artísticas do TAL no ano de 2013 é de grande relevância para entender as crises que o Brasil enfrenta atualmente: instabilidade política e institucional, demolição dos direitos e garantias.

## Objetivos

Identificar as influências que os estudantes receberam e que foram reproduzidas em seus textos literários e fomentou a invisibilidade da luta de classe nas produções literárias dos estudantes de uma escola pública, no ano de 2013.

## Metodologia

Para a realização deste trabalho, fizemos o levantamento bibliográfico dos autores que discutiram as manifestações de 2013 e a construção da interpretação social no Brasil. Adotamos a metodologia baseada numa abordagem qualitativa, que, segundo Gil (2008), privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade.

Recorremos à técnica de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977) trabalha a palavra e tenta compreender os participantes ou o ambiente num momento determinado. Como análise que se apoia nesta perspectiva, trabalhamos com as composições estudantis que apresentam um discurso que ocorre dentro de um contexto, buscando desvendar o que está por trás das ideias.

## A interpretação culturalista

O TAL foi criado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia e começou a ser implantado a partir março de 2009, em toda rede estadual de ensino, e, segundo a Sínteses dos Projetos Estruturantes – SPE (2015) se tornou o maior projeto de arte literária da Bahia.

O TAL é composto de três fases: a primeira é interna, ou seja, acontece na escola e o aluno melhor classificado é inscrito para a segunda fase que acontece em nível regional sob a responsabilidade do Núcleo Territorial de Educação (NTE). Este escolhe um para participar

## IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

### EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



do sarau estadual que fica a cargo da Secretaria Estadual de Educação, constituindo assim a terceira etapa.

O estudante tem liberdade para a escolha do tema ou temas a serem tratados na sua produção bem como o gênero textual e gênero literário

O momento da produção dos poemas ocorreu no mês de junho de 2013, quando coincidentemente iniciaram os protestos nas capitais e grandes cidades, que ficaram conhecidos como “Jornadas de junho”.

Para compreendermos as interpretações da realidade social e política do Brasil, feita pelos estudantes nos textos literários, faz-se necessário perceber como nós nos enxergamos enquanto nação. Aponta Souza (2009) que a percepção que a sociedade tem de si mesma é que permite que ela explique que caminha em um sentido e não no outro.

A nossa percepção sobre nós mesmos é marcada pela interpretação culturalista que na visão de Souza (2017) é racista e foi elaborada por Gilberto Freyre. Sérgio Buarque utiliza a ideia de convivência harmoniosa entre o povo brasileiro, elaborado por Freyre, para criar a noção de personalismo e patrimonialismo presente entre os brasileiros como um mal herdado dos portugueses.

Mais tarde o historiador Raimundo Faoro veio reforçar essa herança negativa relacionando o patrimonialismo como característica marcante do Estado brasileiro e, portanto uma forma de desprestigiar o Poder Público em benefício do mercado. Tal interpretação é ensinada em todas as universidades e em todos os cursos.

A interpretação culturalista, como nos aponta Souza (2017), é conservadora e cientificamente falsa, pois foi construída para ocultar e silenciar a semente escravista da nossa cultura. Mas ela convenceu ao responder, de forma totalizadora, como fazem as grandes religiões, as três perguntas: de onde viemos, quem somos e para onde vamos.

Mas quais as consequências da interpretação culturalista, em vigor até os dias de hoje? Segundo Souza (2017) serviu para a elite de rapinagem usá-la contra a própria população indefesa ao permitir a legitimação ao ataque contra todo governo popular. Desse modo, a explicação do brasileiro como personalista, patrimonialista, observando somente a corrupção do Estado, serviu para realizar a manipulação midiática e política contra os interesses populares e a democracia.

Souza (2017) nos chama atenção em relação ao ódio pelo pobre de hoje em dia, que vem do mesmo ódio que tinha do escravo, por isso não foi possível construir uma sociedade por aqui, com um mínimo de dignidade, como aconteceu na Europa. Assim, como os escravos

## IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

### EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



não podiam frequentar os mesmos espaços dos senhores, do mesmo modo, os pobres não podem frequentar os mesmos lugares da elite dos proprietários, nos dias de hoje.

#### Discussão/Resultados

Um conceito fundamental é de que toda sociedade é constituída de classes sociais. Compreender a sua dinâmica dentro do contexto é essencial para fazer a interpretação da realidade social. Assim, “[...] a dinâmica das classes, ou seja, seus interesses e suas lutas é a chave para a compreensão de tudo que é realmente importante na sociedade” (SOUZA, 2017, p. 52).

Na perspectiva de Souza (2016) a classe social é uma construção socioafetiva que acontece dentro da família, ou seja, a socialização familiar pelo pertencimento na classe que possibilitará o sucesso na escola e mais tarde o sucesso no mercado de trabalho.

O estudo das classes permite esclarecer que as pessoas não lutam em condições de igualdades de oportunidades, mas os privilégios de classes perpetuam os privilégios injustos pela reprodução familiar.

Para Souza (2017) temos no Brasil quatro grandes classes sociais, que são: a elite dos proprietários, a classe média, a classe trabalhadora semiquificada e a ralé de novos escravos. Essas classes estão divididas internamente entre diversas frações.

Aponta ainda a classe dos proprietários e a ralé dos novos escravos descendem diretamente da escravidão. A classe trabalhadora precária nasceu do processo de industrialização e a classe média surgiu dos serviços administrativos da indústria, do comércio, do mercado e dos serviços estatais.

A elite dos proprietários, que Souza (2016) chama também de “endinheirados”, é a classe dominante, proprietária dos meios de produção e tem o domínio simbólico de todas as outras classes. Essa elite sempre teve um padrão predatório, antes “[...] os grandes latifundiários aumentavam sua terra e riqueza pela ameaça e pelo assassinato de posseiros e vizinhos” (SOUZA, 2017, p. 64).

A ralé dos novos escravos, no conceito de Souza (2017), é um terço da sociedade brasileira e foi formada pelos escravos “libertos”, mestiços e brancos pobres abandonados. A ralé é constituída de todas as cores e herdou todo o ódio e desprezo que dispensava ao escravo. Só é tolerada por fazer o serviço penoso e sujo da elite e da classe média.

Souza (2017) argumenta ainda que a ralé é uma classe explorada como “tração muscular”, como carregadores de lixo, empregadas domésticas, serventes de pedreiros, trabalhadores rurais, cortadores de cana, etc. É uma classe reduzida ao corpo, mercadoria mais barata do mercado, não possui capital econômico, cultural ou social.

## IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

### EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



A classe trabalhadora que é precária em sua maioria, como a ralé, é explorada, mas a sua exploração se dá em um patamar superior a dos excluídos, porque ela incorpora conhecimento que pode ser utilizado no mercado competitivo, por isso possui algum capital cultural.

A classe média é que detém o capital cultural, mas tem algum capital financeiro o qual lhe dá condições de comprar os serviços da ralé como, por exemplo, os serviços domésticos o que lhe permite usar este tempo para o aumento do seu capital cultural.

A classe média é relativamente pequena, mas ela decide o que vai sair na TV, o que vai ser ensinado, o que vai ser julgado nos tribunais. Por isso ela consegue fazer a cooptação de indivíduos das classes populares para defender as suas causas como se fossem as deles.

A ascensão social da ralé e dos trabalhadores, mesmo que numa dimensão mínima, no período dos governos petistas de Lula e Dilma é a chave para entender a mobilização da classe média a partir do ano de 2013.

O medo da classe média ao ver os espaços, que antes eram ocupados por ela e pela elite do dinheiro, como universidades, o mercado de consumo, aeroportos e quando esses espaços passam a ser frequentados também pelas classes populares ela reage no sentido de se proteger e não perder os mesmos e de não conviver com esses pobres que são “mal educados” em sua maioria.

Nas produções do TAL, os estudantes falam da sociedade brasileira como se fosse única, como se apresentasse os mesmos desejos e sentimentos, vivesse os mesmos problemas. Eles são traídos pela visão do senso comum que não lhes permite posicionar adequadamente no contexto social.

De um povo que vivia deitado em berço esplêndido  
Se transformou num povo que não foge à luta. (Esmeralda)

Os estudantes de quem estamos analisando as produções textuais são de uma escola pública do sertão, frequentada somente pelas classes de trabalhadores e pela ralé.

Nos governos petistas, como houve a ascensão das classes de trabalhadores e da ralé, espaços que eram exclusivos da classe média passaram a ser ocupados também pelas classes populares, a saber: aeroportos, universidades. Além do acesso aos espaços referidos, passaram a disputar os empregos.

Freire (1987) assinala que a consciência de classe é que vai possibilitar que os oprimidos se unam e se libertem em comunhão com os outros, que ela acontece pela ação dialógica de uma educação problematizadora.



## IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

### EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



#### Conclusões

Nas manifestações de 2013 influenciaram muitos estudantes na escrita de seus textos, marcados pelo tipo de cobertura realizada pela grande mídia, mas também pela educação e pelo senso comum de uma interpretação culturalista naturalizada, que povoou as consciências dos brasileiros.

Como estudantes de uma escola pública, que pertencem às classes populares, ao fazerem a defesa de tais temas, contrariam aos interesses próprios. Só que esta situação não é percebida porque a realidade é distorcida pelo meio de comunicação, especialmente pelas grandes mídias, com o objetivo de manipular as mentes.

A não consciência da luta de classes dos estudantes é que os leva a acreditar que somos um povo que vive nas mesmas condições, tendo chances e oportunidades semelhantes.

A dominação das elites de hoje não é feita pela força da violência física como no período de escravidão. Ela é feita pela força de uma narrativa que se impõe como uma violência simbólica levando a dominação e oprimindo as classes populares, pois tal narrativa dificulta a tomada de consciência.

#### Referências

BAHIA. **Síntese dos Projetos Estruturantes**. Bahia: Secretaria de Educação do Estado da Bahia/Jornada Pedagógica 2015.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do Golpe: entenda como e porque você foi enganado**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Leya, 2016.